

# REPENSAR A ESQUERDA

Por JOÃO MARTINS PEREIRA \*

**D**EPOIS de Mateus I (Eduardo Lourenço que o diga) e de Mateus II (que, ao pouco que de lá transpirou, não deve ter passado de um deleite espiritual sem consequências, em que cada um, como a madrastra da Branca de Neve, se assegurou, frente ao seu espelho mágico, ter a «mais linda» mente de quantas por aí pululam), deveria ter-se tornado transparente em definitivo para a Esquerda portuguesa — em particular para o seu sector intelectual — que não é possível repensar Portugal sem que primeiro essa mesma esquerda se repense a si própria. Autonomamente, sem estereótipos, nem mitos, nem complexos.

## A ESQUERDA E O «RISCO»

Em tempos que já lá vão e que nos esforçamos por acreditar que não voltarão, o administrador de uma grande empresa hoje nacionalizada explicava a um subordinado que, nas suas relações com o «grande chefe» Champalimaud, o essencial era ser capaz de diariamente ter a percepção de «onde estava o risco»: a partir daí, bastava ter o pé sempre do lado de cá — o que nem sempre era fácil, pois a posição do dito risco variava muito com os humores flutuantes de S. Ex.<sup>ta</sup>. Regra de ouro que o aguentou sem problemas até ao 25 de Abril, após o que manteve a fama de grande gestor, passando por várias empresas públicas até vir um dia a sentar-se num cadeirão do Terreiro do Paço...

Aquilo a que se tem convencionalmente chamado de Esquerda, depois de ter durante bastante tempo ignorado a existência de riscos desses (e de outros), tem vindo cada vez mais a viver obcecada com um problema idêntico ao daquele prudente gestor. Ver-

balmente, vai tentando impor à Direita um risco — a Constituição —, que nem por isso deixa de ser pisado a cada instante, mas, no concreto da sua acção, dos seus comportamentos, é o contrário que se verifica: a Esquerda preocupa-se, acima de tudo, com o risco que não deve, ela própria, pisar para não pôr em perigo a democracia. Sucede que, por este andar, e à velocidade com que a Direita vai alargando o seu espaço de manobra, não tarda muito que a Esquerda tenha de pensar duas vezes antes de dar um simples «passo em frente»... Até que porventura a ponham definitivamente «em sentido», para o que a «democracia», que então não passará de uma doce recordação, já não lhe servirá de muito. A esquerda alemã dos anos 20 bem se reconheceria nesta perspectiva, talvez catastrofista, mas infelizmente mais realista do que muito triunfalismo verbal que ainda por aí anda.

Se fosse necessário um exemplo de que assim é, bastar-nos-ia referir a evidente importância da Esquerda na sua apreciação do funcionamento das instituições. Quer em termos de análise «séria», quer no domínio, contudente por excelência, do «humor», a Esquerda receia constantemente, ao assumir a lucidez (quando não a acidez) dos comentários que em cada instante se ouvem de bocas populares, estar a «fazer o jogo da reacção». Jornalistas que se distinguiram pelo seu humor corrosivo nos tempos em que o alvo era o M. F. A., murcharam por completo a sua verve ao «descobrirem-se» de esquerda e ao sentírem-se com isso (se fosse só com isso...) obrigados a promover figuras como o sr. Alegre — coisa que não dá margem para ter muita graça, convenhamos. Os que já então desposavam o M. F. A., numa entrega/conquista que fazia lembrar o «abraço mortal» de certos bicharocos cujo nome já me faleço (vai longe a zoologia de hoje), esses nunca se preocuparam muito com distâncias críticas, certos que estavam, coitados, que o «povo» estava por tudo — e ficou-lhes, que já lhes vinha de trás, o hábito pouco saudável de só sorrir do que permite o «regulamento», que é como quem diz, de não... pisar o risco. Os próprios autores de revista tea'ra! «de esquerda» vêem-se aflitos hoje em dia para exercer o seu humor e preferem bater desapiadamente em Salazar, não vão, ao lançar as suas frechas ao «mundo político» actual, estar a contribuir para desagregar as «instituições democráticas». O que faz com que o espec-

tador se recorde de que piadas ao Salazar as ouviu bem mais saborosas no tempo em que «o risco» era traçado pela censura e em que corajosamente se tentava e tantas vezes conseguia «torneá-lo».

Tais pânicos e tal impotência auto-imposta não fazem mais do que, obviamente, deixar o monopólio da crítica e, dentro dela, do humor acerado, a uma Direita que, de mão-beijada, vê «vir a si os descontentes». Ora não é esse, certamente, o objectivo da Esquerda. Mas que Esquerda?

## A ESQUERDA E O MITO DA MAIORIA

Repensar a Esquerda não é mais, finalmente, do que buscar resposta a esta interrogação, a que se tem fugido, substituindo-a por um difuso sentimento de identidade (ou de «companheirismo») de posições face a questões aparentemente simples e indiscutíveis — a defesa da Constituição, das «conquistas de Abril», dos «interesses dos trabalhadores», e.c. Sucede que ninguém paga nada por se proclamar em inflamados comícios defensor das «conquistas de Abril», mas muitos ganham, ao fazê-lo, a manutenção de situações de privilégio ou de poder que obtiveram quando torciam mais do que o nariz só ao ouvir falar de tais «conquistas», nas quais deram machadada que uma esquerda digna desse nome não deveria esquecer, a coberto de qualquer «unitarismo» feito de equívocas complicitades. Sucede também que muitos poderão vir a pagar muito por terem sempre defendido convictamente essas mesmas conquistas, em que se empenharam e com que vibraram ao ponto de hoje, ingenuamente, aceitarem companhias envenenadas que lhes são impostas como reforço da «esquerda» e que só poderão deitá-la a perder.

A Esquerda será uma «ideia», um «projecto» (o Socialismo), mas, antes de o ser e para o ser, é um modo de comportamento social, uma exigência, uma liberdade, uma transparência — é muito mais tudo isso do que um partido A, B, ou C. É certo que, em certas fases históricas, esses comportamentos e aspirações se polarizam num partido ou numa organização (ou em mais do que um/uma) — e não só assim tem de ser por se tratar de momentos em que a Esquerda se identifica inequivocamente com um dos pólos de uma luta de classes então muito agudizada, como se torna indispensável que assim seja para que a «ideia», que nasceu das realidades, a elas retorne com a força de um movimento social vigoroso e capaz de transformar a sociedade. Mas não estamos aí, ainda que se possa pen-

sar que já estivemos não há muito, o que nos dispensamos discutir por agora. Daí precisamente que, para ser crível, a Esquerda tenha de ser rigorosa e verdadeira — e, para ser rigorosa e verdadeira, tenha de começar por se reconhecer minoritária. Até porque, nunca é demais dizê-lo, a Esquerda tem de ser identificada como um certo modo de interpretar os factos e nunca como um modo de «forçar», delirar ou omitir factos.

Ou se esqueceu por completo a teoria da luta de classes — e poucos exemplos dela serão tão luminosos como o Portugal dos últimos anos — ou então tem de se aceitar que não teria sido possível a evolução política portuguesa no sentido inexorável da direita, facto indesmentível, se houvesse na sociedade, isto é, ao nível das forças sociais em presença (não na Assembleia), uma maioria de esquerda. Se a Esquerda se quer «repensar» a primeira coisa é, obviamente, abandonar o mito da maioria de esquerda — o que não implica necessariamente reconhecer que existe uma maioria de direita: as recentes teses de polarização e confrontação vindas da direita, expressões de um afrontamento de classes que se reconhece e se deseja, apenas provam que a direita julga já poder contar com essa maioria, mas não que ela exista de facto. Entre a Esquerda e a Direita é o grande pântano das famosas «classes médias» ou da «pequena burguesia», que uma e outra procuram conquistar. E não é por «absorver» muitas figuras políticas, que, por não terem alternativa (a não ser encerrarem, ainda tão jovens quantas delas, uma fulgurante carreira política), vêm bater à sua porta, que a Esquerda se alenta e revigora, se encaminha da «minoría» para a «maioría». Pelo contrário, a Esquerda só se debilita e de-finha com isso.

Se nos é permitida a comparação com os problemas do desenvolvimento económico, diríamos que, numa fase como a actual, a Esquerda deveria apostar no desenvolvimento «intensivo» e não no desenvolvimento «extensivo»: investir na credibilidade, na «qualidade» e não na quantidade. Se se tem, e a um prazo imprevisível tem-se, de ser minoritária, pois que se seja uma minoria de qualidade, uma minoria que seja exemplo de coerência, de lucidez, de capacidade de não iludir, nem camuflar, nem manipular — uma minoria em que massas hesitantes e confusas pouco a pouco adquiram confiança, por compreenderem as suas propostas, se identificarem com as suas palavras e actos, lhe reconhecerem limpidez, convicção e coragem. Antes de voltar a ser uma grande força política, a Esquerda tem de voltar a ser uma grande força ética.

## A ESQUERDA, O SECTARISMO E O ARRIVISMO

Naturalmente que, ao assumir-se como minoritária, essa Esquerda teria de renunciar a disputar o Poder, com P grande, a curto prazo (melhor: a parecer que o disputa, pois é essa a realidade). Dirão alguns que não tem sentido a acção política que vise o Poder, e que nem de outro modo se «mobilizarão as massas». Diremos ser essa uma concepção limitada do político que, em boa verdade, já não se usa. É política toda a acção que tem

subjacente uma questão de poder, poder esse que nunca é absoluto, é sempre mais poder ou menos poder, é sempre a expressão instável de uma relação de forças: na fábrica, na escola, numa autarquia, numa associação, num grupo cultural, entre sexos, entre jovens, enfim, no quotidiano de cada um. É neste quotidiano que se jogará o destino da Esquerda, nele que terão de se travar as batalhas decisivas da Esquerda renovada.

É por isso mesmo que haverá que denunciar e ridicularizar sem conieplações, em vez de os tornar aliados (ainda que de ocasião), aqueles que se permitem invocar os «direitos dos trabalhadores» ou as «conquistas de Abril» entre um almoço no Grémio Literário e um jantar no Tavares; aqueles que, em escassos três anos, colocaram Portugal à mercê da direita e hoje lavam daí as suas mãos e se entretêm em conseguir (e conseguem) uns «tachitos» que os aguentem durante uma «travessia do deserto», que é capaz de ser bem mais longa do que pensamos; aqueles que hoje se confrangem com o conservadorismo do IV Governo, pouco tempo depois de terem denunciado, nos termos mais reles, a jornais de direita os elementos «suspeitos» de esquerda do III Governo! E nunca é demais recordar que estes senhores encontraram, em fins de 75, uma situação económica muito, mas muito, longe da verdadeira catástrofe em que hoje se encontra. O chamado «gonçalvismo» durou, na realidade, seis meses; a subsequente hegemonia P. S. perto de três anos. Que o P. C. P., durante o seu período hegemónico, se tenha acima de tudo preocupado com a ocupação de posições nos aparelhos de Poder — não só não o negamos como já expusimos noutra ocasião o que pensamos terem sido as funestas consequências que daí advieram. Mas o P. S., além de ter tido três anos para fazer o mesmo, e nisso portou com redobrado ardor, fê-lo sem que ao menos se lhe pudesse atribuir a atenuante de um «projecto» ou de uma «coerência» — fê-lo na avidez, no nepotismo, no clima de «banquete do poder», de acção de «bando» desenfreado que não consente desculpas nem absolvições. Não o consente, é óbvio, se nos colocarmos numa perspectiva de esquerda. Mais: o espectáculo foi tal que, quanto mais nos encarnicarmos num «apesar de tudo» o P. S. é um partido de esquerda», mais estamos a enterrar a Esquerda sem apelo. Até porque o P. S., aos olhos do cidadão comum, é o seu aparelho. O que é o resto do P. S. está por saber-se e a Esquerda deveria preocupar-se com isso.

Uma prática social de esquerda não pode acomodar-se do sectarismo, da vocação manipuladora e taticista de um aparelho petrificado como o do P. C. P., mas muito menos, se assim se pode dizer, pode pactuar com o clientelismo, o oportunismo e o arrivismo sem escrúpulos e sem princípios do aparelho do P. S. Dir-se-á então: mas se assim é, o que resta de esquerda nesta terra? O que resta é muito, é mesmo o essencial: resta uma prática quotidiana de muitos milhares de portugueses, quantos deles porventura sem sabermos que são de esquerda, e resta uma imensa disponibilidade de

muitos mais milhares, ou milhões, que apenas pedem uma esperança sólida, um projecto que restitua ânimo e convicção às pequenas ou grandes lutas de um dia-a-dia desencantado, quando não desesperante.

## A ESQUERDA E O DESTINO

Esse projecto, no entanto, não pode nem tem que ser escrito sob a forma de programa com artigos e parágrafos. A Esquerda não tem programa nenhum para «pegar» no Portugal de hoje ou mesmo de um próximo amanhã: o P. S. não lhe deixou margem para tanto. O que é grave se se pensar a Esquerda apenas em termos de Poder, com P grande. A esse nível as batalhas são conhecidas, os perigos também — os aparelhos farão o que puderem, e infelizmente é capaz de não ser muito. Mas se a Esquerda se «repensar» em termos de sociedade, então não falta campo de manobra. De facto, a sua presença é necessária em toda a parte e a todo o momento, e para ela não há tabus, nem cultos, nem capelinhas, nem «piscares de olho»: a sua linguagem tem de ser clara e directa, intransigente e sem complexos — trate-se de Eanes ou da União Soviética, ou de quaisquer outras personalidades ou assuntos hoje «inocáveis» para uma certa esquerda. Em contrapartida, há assuntos que, pela sua insignificância, lhe deveriam, enquanto Esquerda, ser alheios ou indiferentes — e que, no entanto, tanto têm preocupado certa outra esquerda. Por exemplo: as opiniões políticas, «morais», culinárias ou quaisquer outras da senhora de Eanes ou da senhora de Mota Pinto, o «modo de estar» na praia do eng. Nobre da Costa, mexerico e chistes ouvidos por deslumbrados (e considerados!) jornalistas em «importantes» coqueteeiros de que o fascismo tão cruelmente os privara.

A matéria é, pois, vasta para debate, descoberta, construção palmo a palmo de uma vida outra: e não é isso o que a Esquerda se propõe? É nessa construção quotidiana, nessa praxis, que o projecto de esquerda reganhará forma e solidez. Não é inútil recordar aqui o velho Sartre: o que fizeres, é a tua proposta, é o que és. O grande debate da Esquerda tem que ver com cada um de nós, em cada situação, em cada instante. É, em grande parte, embora não possa ser só isso, um debate com nós próprios, uma exigência que nos imponhamos, a começar pela do conhecimento dos nossos próprios limites e pela capacidade de ir até onde eles nos permitam — sem autodemagogia, sem presunção, mas com férrea determinação.

Se a Esquerda não for esta exigência, e com ela o reconhecimento fraternal das exigências alheias, a Esquerda não será nada. Ou será como aquelas pessoas que, tendo-se demitido por doce comodismo da coragem de se conhecer e de conhecer o mundo, são um dia surpreendidas por uma situação perante a qual só lhes resta a coragem de resistir e de sobreviver. Tarde demais: a coragem será agora admirável, mas porventura triste o destino.

1 de Dezembro de 1978

\* Engenheiro, ex-secretário do Estado da Indústria (IV Governo Provisório).

## publicidade



**Viagens de 3, 4, 7 e 8 dias LONDRES DE NOVEMBRO A ABRIL**  
Partidas às 2.<sup>as</sup>, 5.<sup>as</sup> e 6.<sup>as</sup>

**PREÇOS DESDE 5.500\$00**

AGORA SENSACIONAL PROGRAMA DE INVERNO FAÇA A SUA VIAGEM PROFISSIONAL OU TURÍSTICA ACOMPANHADO DA SUA FAMÍLIA USUFRUINDO DO INÉDITO PLANO FAMILIAR QUE LHE OFERECEMOS DURANTE ESTE PERÍODO

POR CADA GRUPO DE 3 PESSOAS GRATUIDADE NA 3ª PESSOA **1 PESSOA GRÁTIS**

REDUÇÕES ESPECIAIS PARA PLANO FAMILIAR **REDUÇÕES ESPECIAIS**

Peça-nos programa

CONSULTE **BUISSON VIAGENS • TURISMO**

RUA BRAAMCAMP, 15 - D  
Tels. 40468 - 556719 - 560320  
Telegr.: BUISTOUR - Telex: 12762  
UMA AGÊNCIA MODERNA COM MAIS DE 50 ANOS DE EXPERIÊNCIA

## COMUNICADO CIRCO MARIANO

INSTALADO NA R. MARQUES FRONTEIRA (FRENTE À PENITENCIÁRIA)

Informamos que até ao próximo dia 20, inclusive, não daremos espectáculos, a fim de se renovar todo o nosso espectáculo.

Recomeçaremos a apresentar o nosso espectáculo no dia 21 às 21.45 h. Com o novo espectáculo para o ANO MUNDIAL DA CRIANÇA.

Dia 21 às 21.45 h.  
Dia 22 às 16.30 h. e 21.45 h.  
Dia 23 às 15. h. 18 h. e 21.45 h.